

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**(DES)PROBLEMATIZANDO A IDADE MÉDIA: REFLEXÕES SOBRE A
PERSPECTIVA DO GÊNERO NA MEDIEVÍSTICA BRASILEIRA (2000-2015)**

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2017

**(DES)PROBLEMATIZANDO A IDADE MÉDIA: REFLEXÕES SOBRE A
PERSPECTIVA DO GÊNERO NA MEDIEVÍSTICA BRASILEIRA (2000-2015)**

CASSIANO CELESTINO DE JESUS

**Monografia de conclusão de curso
apresentada ao Departamento de História
da Universidade Federal de Sergipe para
obtenção do título de licenciado em
História.**

Orientador:

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2017

AGRADECIMENTOS

Uma vez me disseram que a gratidão é a memória do coração, talvez seja mesmo. É por isso, que pretendo ser bem clichê nesta página!

Começo agradecendo a Deus, por sua infinita graça, pela força, coragem e determinação depositada em mim nestes últimos anos. Para ele, que é o dono de toda a ciência, meu muito obrigado.

Da mesma forma, agradeço à minha avó Severiana Celestina (*in memoriam*), essa conquista é totalmente dedicada a ela, a única e grande mulher da minha vida. Isso tudo é por ela, que sempre me fez acreditar que o impossível não existe.

Um obrigado bem especial para minha mãe Elizabeth, por todo seu encorajamento cotidiano e, principalmente, por abdicar de seu sono para ir me buscar no ponto de ônibus quando chegava da UFS. Grato por todo amor. A luta foi grande e diária, mas conseguimos vencer! Também ao meu pai Gilson, por todo amor e carinho.

À todos os meus familiares, em especial, aos meus irmãos e minhas irmãs por todos os momentos de descontração, incluindo minha cunhada, Tainara, por também compartilhar desses momentos de fraternidade.

Agradeço aos meus primos/as, em específico à Karoline, por todo amor e “puxões de orelha” durante toda vida, sei que nosso companheirismo vai durar eternamente. Igualmente à Camila, pelo carinho e pelas conversas de encorajamento. E à Hemely, minha sobrinha, por todo carinho.

Não posso deixar de mencionar as minhas tias e tios. À Nuza, pelo carinhoso acolhimento todas às vezes que vou em sua “casa”; tia Finha, por ser tão solidária e compreensiva comigo; à tia Nicinha, por me ajudar em comprinhas; tia Vanilda, que é a nossa mestra Cuca; tia Sheila, por sempre emprestar seu computador quando ainda não tinha o meu e ser paciente na espera; tia Maria do Carmo, por sempre me deixar fazer “bagunças” em sua casa e permitir estar perto de pessoas que amo. De igual maneira, ao meu tio Gilberto, pelo apoio e confiança. Enfim, amo todos/as vocês.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pela bolsa remunerada de um ano enquanto atuei no Projeto de Iniciação Científica, coordenado pelo Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro.

Ao grupo de Pesquisa *Dominium* (UFS), onde fiz bons amigos que são parte dessa monografia: Bruna Mota, Bruna Laísa, Lívia, Hericly e Rafael, sou grato pelos momentos de diálogos. Igualmente ao PET História/UFS e os/as amigos/as que lá fiz: Gabi, Carol,

Cris, Gui, Keline, Thamy, Fran, Talita, Andrey e Ailton. E, principalmente, ao tutor do PET-História/UFS, Dilton Maynard, pelo aprendizado e amadurecimento profissional.

Agradeço à todos/as os/as professores/as do DHI, por todo conhecimento transmitido, especialmente à Eduardo Pina, Petrônio Domingues, Edna Matos e Francisco Alves, vocês me ensinaram coisas que vão além das teorias e conteúdos históricos.

Também faço questão de mencionar os amigos que conquistei durante o curso: Cândida, por ser uma linda mulher e por me ajudar em vários momentos; Rosa, Eliz, Katty, Wesley, Carla Darlem, Luiz, José, Bruna, Denisson, Letícia, Daniel e Ana Paula. Um agradecimento especial a Isis, Mallu e Thais, vocês são grandes presentes que a UFS me deu, ainda temos muitas histórias para vivermos juntos, é totalmente infinito nosso amor.

Não quero, não posso e nem devo esquecer das minhas amigas/os de longas datas: Bruna Menezes, Genef, Léo Dantas, Monaliza, Naiane, Ravane, Kelly, Thais, Vanessa, Marquinhos, Cidinha, Katiane, Nany e Elivânia (porque tivemos muitos dias de glória e dor juntos), Priscila, Murilo, Euclides, professora Grasiela, professora Suzanete, Ricardo Walex, Ricardo Oliveira, Ingrid.

Já que estou falando de amigos, preciso continuar citando vários outros nomes, como o de Gilliard, meu confidente e grande parceiro. Thalia, Tainar, Thadeu, Catarina, Jerônimo, Flávio, Isabela, Kauay, Maria, Vitória, Anthonyelle... amo estar com vocês.

Por fim, agradeço às minhas vizinhas, Dona Quinha, por sempre acreditar em mim e Maria, por ajudar a minha mãe em ir me buscar no ponto. E isso serve para Charles e Tiago.

Gratidão enorme para meus professores de História do colegial, Geraldo, Rita, Daniela e também meu amigo Valter: vocês me inspiram.

Reconhecimento total à Edjan Alencar, minha eterna fonte de inspiração, grato por toda a sua ajuda na minha vida, amo a disciplina História por causa de você, te amo de uma forma exagerada. De igual maneira, agradeço à Elaine Souza, por todos os ensinamentos durante estes anos.

Quero concluir meus agradecimentos falando de meu amigo, irmão e orientador Dr. Bruno Gonçalves Alvaro, pela motivação, apoio, carinho e, principalmente, por acreditar em mim na realização desta pesquisa. Grato pelo empenho dedicado à orientação deste trabalho, por todos os conselhos dados e por me fazer pensar “para além dos limites do pensável”. Sempre será meu ideal de professor.

À todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, obrigado!

“Se tal como nos qualificam, somos estranhos ou esquisitos, pouco nos importa. É assim mesmo que queremos ser, é assim mesmo que nos queremos mostrar”.

(Guacira Lopes Louro)

RESUMO

JESUS, Cassiano Celestino de. **(DES)PROBLEMATIZANDO A IDADE MÉDIA: REFLEXÕES SOBRE A PERSPECTIVA DO GÊNERO NA MEDIEVÍSTICA BRASILEIRA (2000-2015)**. Sergipe, 2017. Monografia. – CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) Departamento de História (DHI), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Sergipe, 2017.

Em nossa pesquisa, realizamos um debate historiográfico e teórico acerca da perspectiva do gênero nos estudos sobre o medievo. As reflexões foram realizadas a partir da análise das dissertações de alguns/as medievalistas brasileiros/as que tem desenvolvido trabalhos fundamentados nesse arcabouço teórico entre os anos de 2000 a 2015. Além de realizar um levantamento quantitativo de tais trabalhos, buscamos, sobretudo, compreender os caminhos seguidos por estes/as historiadores/as no que se refere às questões de gênero e perceber sob quais autores/as estão ancoradas as suas pesquisas nos últimos anos.

Além disso, questionamos a possibilidade de se pensar o Gênero no Medievo, a partir de outros postulados, e de outras abordagens diferentes daquelas apresentadas pelos/as medievalistas estudados/as. A ideia é apontar outros possíveis conceitos/abordagens de Gênero para quem se interessa por tais estudos no campo da História Medieval. Assim, apresentamos os pensamentos da pós-estruturalista Judith Butler e os chamados Estudos Queer, na tentativa de ressaltar suas potencialidades como um método profícuo de pesquisa.

Assim, esperamos compreender um pouco mais o desenvolvimento das investigações científicas sobre a Idade Média no nosso país, tendo a teoria em questão como pano de fundo para a abertura de novos caminhos de interpretação da documentação medieval, principalmente, no que concerne às perspectivas de Gênero na História.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - Os Estudos Medievais no Brasil: breves reflexões	04
CAPÍTULO II - “Gender Studies” e a Medievalística Brasileira: um debate historiográfico	12
CAPÍTULO III - Queerizando o Medievo: por uma perspectiva subalterna na escrita de Clio	25
CONCLUSÕES DINÂMICAS	38
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Há algum tempo, os chamados “Estudos de Gênero” têm despertado o interesse dos historiadores e historiadoras. Nos últimos anos, pesquisas ancoradas neste arcabouço teórico têm crescido nas mais diversas áreas do saber científico. Tais trabalhos vêm sendo descritos, compreendidos e explicados das mais diversas perspectivas, contribuindo de modo significativo para a renovação temática e metodológica, ampliando áreas de investigação e renovando marcos conceituais tradicionais. Vem colocando novas questões, redefinindo e ampliando noções tradicionais do significado histórico.

Os estudos de gênero configuram-se como um campo da História Cultural e detém-se em discutir como uma dada visão de gênero construiu-se e impôs-se discursivamente num determinado grupo num certo momento. E visam, mais do que descrever e interpretar, analisar e explicar as construções de gênero, que implicam na configuração de instituições, representações e práticas pelas quais os grupos elaboram o masculino e o feminino, legitimando-as.¹

A historiadora Carla Pinsky,² afirma que o Gênero adquiriu o mesmo *status* de categorias como Classe e Raça e passou a ser considerado imprescindível em teorias que se propõem a explicar as mudanças sociais. Para a autora, uma das propostas da História preocupada com Gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações deste enunciado no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos.

Gênero, enquanto categoria de análise histórica, pode ser empregado como uma forma de afirmar os componentes culturais e sociais das identidades, dos conceitos e das relações baseadas nas percepções das diferenças sexuais. Em outras palavras, a categoria de gênero remete à ideia de que as concepções de masculino e de feminino possuem historicidade. Assim, os significados de “ser homem”, “ser mulher” ou de identidades e papéis são entendidos, na perspectiva de gênero, como situações produzidas, reproduzidas e/ou transformadas ao longo do tempo, e que tais definições devem ser buscadas em cada contexto. As representações de gênero estão presentes – sendo

¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 88-107, 2004.

² PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol.17, no.1, p.159-189, abr. 2009.

construídas, reproduzidas e contestadas – em vários espaços, tais como as instituições, o mercado de trabalho, os meios de comunicação, os movimentos sociais, as experiências coletivas e as escolhas individuais.³

No que se refere ao campo da História Medieval, cresceram nos últimos anos pesquisas que utilizam os “Gender Studies” como uma categoria de análise. São várias as dissertações que ousaram apostar neste diálogo interdisciplinar com uma vertente de estudos considerados pós-modernos.

Neste trabalho analisamos dissertações, no campo da História Medieval, entre os anos de 2000 a 2015, que se valeram do gênero como categoria de análise. Além de realizar um levantamento quantitativo de tais trabalhos, buscamos, sobretudo, perceber os caminhos seguidos pelos medievalistas no que se refere às questões de gênero e compreender sob quais teóricos/as estão ancoradas as suas pesquisas nos últimos anos.

Cabe destacar que esta monografia é resultado das inquietações que foram surgindo durante o desenvolvimento do nosso plano de trabalho no Programa de Iniciação Científica vinculado ao projeto de pesquisa (PVD4369-2016) “*Idade Média e Teoria Contemporânea: Os Estudos de Gênero nas Dissertações e Teses de História Medieval nas Universidades Brasileiras (2000-2015)*”, no qual atuamos como bolsista de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).⁴

Trata-se, portanto, de um trabalho historiográfico em que se buscou “decodificar os textos enquanto discursos ideológicos, indicando as suas linhas interpretativas, as suas formas de pensamento, as suas estruturas internas e a inserção desses textos nos confrontos com outras áreas culturais”.⁵

No primeiro capítulo, apresentamos breves considerações sobre o crescimento dos estudos medievais no Brasil nos primeiros quinze anos do presente século, buscando refletir sobre seu diálogo com os diversos campos de saber e suas “novas” perspectivas analíticas, ressaltando, sobretudo, suas nuances com o chamado “Gender Studies”. Não tivemos a intenção de detalhar os caminhos percorridos pela medievalística brasileira, mas, apontar a consolidação de tais estudos e a maturidade que ela alcançou. No segundo capítulo realizamos um debate historiográfico sobre a perspectiva do gênero na

³ PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Rev. Estud. Fem.**, Abr. 2009, vol.17, no.1, p.159-189. ISSN 0104-026X. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000100009&script=sci_arttext Acesso em: 12 de abril de 2015.

⁴ Plano de trabalho “*Análise da utilização da categoria gênero nas dissertações inventariadas (200-2015)*.”

⁵ SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Capítulos de História da historiografia sergipana**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013. p. 13.

medievalística brasileira a partir de dissertações publicadas entre os anos de 2000 a 2015. Buscamos analisar em que teóricas do gênero estão ancoradas as pesquisas dos medievalistas em nosso território e questionamos os motivos de suas escolhas teóricas-metodológicas.

Por fim, no último capítulo desta pesquisa, questionamos a possibilidade de se pensar o Gênero no Medievo a partir de outros postulados, de outras abordagens diferentes daquelas apresentadas pelos/as medievalistas estudados/as. A ideia é apontar outros possíveis conceitos/abordagens de Gênero para quem se interessa por tais estudos no campo da História Medieval. Assim, apresentamos os pensamentos da autora Judith Butler e os chamados Estudos Queer, na tentativa de escrevermos um “medievalismo queer”.

CAPÍTULO I

OS ESTUDOS MEDIEVAIS NO BRASIL: BREVES REFLEXÕES

No Brasil das últimas décadas, houve um grande crescimento dos Estudos Medievais. Consequentemente, muitos especialistas dedicam-se a refletir sobre a temática com recortes e abordagens diversas.

Isso tem motivado diversos jovens a se inserir nessa seara, historicamente profícua, de testes metodológicos e teóricos.¹ Mesmo uma pesquisa como a nossa – de curto fôlego, não deixa de ser uma tentativa de experimento, ousado, alguns momentos, porém, franco e sincero na busca por novos caminhos, novos combates e debates acadêmicos.

Nesse primeiro capítulo, apresento breves considerações sobre o crescimento de tais estudos nos primeiros quinze anos do presente século, buscando refletir sobre seu diálogo com os diversos campos de saber e suas "novas" perspectivas analíticas, ressaltando, sobretudo, suas nuances com o chamado “Gender Studies”. Assim sendo, não temos a intenção de detalhar os caminhos percorridos pela medievalística brasileira, mas, apontar a consolidação deste campo da História e a maturidade que ele alcançou.

Até o fim da década de 1980 era escassa no nosso país, uma quantidade considerável de doutores especializados em Idade Média. Salvo em algumas poucas universidades, era muito raro encontrar um especialista atuando como docente na própria área. Quanto ao material bibliográfico, as editoras brasileiras publicavam poucos títulos com temáticas relacionadas ao Medievo.²

Grupos de pesquisa locais e/ou regionais sobre a Idade Média eram praticamente inexistentes e não havia uma associação acadêmica que agregasse, em nível nacional, os interessados no ensino e na pesquisa sobre a Idade Média. E como ainda eram poucos os que se dedicavam ao Medievo, os eventos acadêmicos que reuniam os especialistas nacionais eram praticamente inexistentes.³

¹ Cf. FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 13 e 14.

² SILVA, A. C. L. F da. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 01, 2013.

³ Idem.

Para Néri de Barros Almeida,⁴ o percurso da História Medieval no Brasil é marcado por ações dirigidas ao ensino e à pesquisa de grupos políticos locais e de instituições federais. No nosso país, as investigações sobre o medievo começaram a florescer sem que fosse estabelecido um nível qualquer de identidade cultural ou acadêmica com o período.

A historiadora Andréia Frazão,⁵ afirma que foi preciso esperar até a década de 1990, para que os estudos medievais no Brasil experimentassem uma série de transformações, que resultaria na expansão numérica e geográfica de núcleos de pesquisa dirigidos por especialista com formação específica na área.

Assim, segundo ela,⁶ o impulso inicial para a expansão dos estudos de História medieval no Brasil deu-se com a criação, em fins da década de 1980, de um programa elaborado pela CAPES, que visava desenvolver as áreas do conhecimento então consideradas carentes de pessoal qualificado. Dentre tais áreas encontrava-se a História medieval. Este programa beneficiou por meio de “bolsas sanduíche” diversos jovens, que, posteriormente, vieram a doutorar-se e hoje atuam como professores-pesquisadores em diversas universidades brasileiras.

Os incentivos à pesquisa científica e à organização acadêmica coincidiram com o apogeu da influência internacional da “Nouvelle Histoire”. Ela acenava para formas de análise que parecia permitir, enfim, que se acreditasse na produção de uma História Medieval no Brasil. Isso decorria fundamentalmente de dois fatores: a valorização de documentos literários, ou narrativos.⁷ E a expansão do conceito de mentalidade, central à “Nouvelle Histoire”. Este, ao preconizar a existência de níveis comuns da experiência social expressos na cultura, legitimava teoricamente as abordagens históricas baseadas em um único documento ou em *corpus* documentais homogêneos. A “Nouvelle Histoire” fez crer pela primeira vez que era cabível o aumento substantivo das pesquisas em História medieval no Brasil porque parecia tornar possível fazer História Medieval fora da Europa.⁸

Conjuntamente com a expansão da pesquisa, houve uma consolidação do ensino de História medieval. Assim, surgiram os setores de História Medieval, que, em diversos

⁴ ALMEIDA, Néri de Barros. A História medieval no Brasil. **Revista Signum**, v.14, n.1, p. 3, 2013.

⁵ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A Península Ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n.2, p.81, maio 2012.

⁶ Idem.

⁷ ALMEIDA, op. cit. p. 12.

⁸ Idem.

casos, reuniram docentes que também realizavam investigações sobre o Medieval, o que propiciou maior conexão entre ensino e pesquisa, a criação de disciplinas específicas e o crescimento da demanda por livros, sobretudo para uso na graduação.⁹

Entretanto, as políticas públicas, a criação dos setores de História Medieval e a maior qualificação dos medievalistas, que geraram um aumento da produção acadêmica qualificada e a demanda por obras específicas, não explicam totalmente a expansão dos estudos medievais no Brasil. Andréia Frazão,¹⁰ cita a popularização da *internet* como fundamental para esta expansão, sobretudo, para troca de informações, de forma mais rápida e informal, entre especialistas das diversas áreas do conhecimento e estabelecidos em diferentes países, permitindo o acesso a documentos medievais e obras que não se encontram disponíveis em bibliotecas brasileiras.

A autora destaca a fundação, em 1996, da ABREM, *Associação Brasileira de Estudos Medievais*, que, segundo ela, reúne hoje mais de 500 sócios nacionais e estrangeiros, das mais diversas áreas do conhecimento: literatura, linguística, filosofia, direito, artes, música, história, etc. A ABREM promove, bianualmente, os Encontros Internacionais de Estudos Medievais (EIEM), que são organizados em parceria com as universidades que sediam o evento.¹¹

Através de sua diretoria, são estabelecidos intercâmbios com associações internacionais, também dedicadas aos temas medievais, e os eventos realizados por núcleos locais em todo o país são estimulados e apoiados. A Associação é responsável por um site;¹² pela publicação de um boletim semestral, o *Jornal da ABREM*, que informa sobre o que é desenvolvido na área dos estudos medievais no Brasil e no exterior, e, desde 1999, da revista anual *Signum*,¹³ o primeiro periódico nacional a dedicar-se exclusivamente ao medievalismo.¹⁴

A ABREM contribuiu de forma decisiva para a expansão dos estudos medievais no país ao estimular o ensino e a pesquisa de temas medievais; ao agregar pesquisadores em torno de projetos comuns, como no levantamento das edições de fontes medievais presentes nas bibliotecas de cidades brasileiras; e também ao criar, ou ampliar, espaços para o intercâmbio acadêmico e o diálogo interdisciplinar.

⁹ Idem. p. 83.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem. p. 84.

¹² Cf. www.abrem.org.br/.

¹³ Disponível a partir de <http://www.revistasignum.com/signum/index.php/revistasignumn11/issue/archive>

¹⁴ Idem. p. 85.

Por fim, a referida autora cita os principais desafios que, na opinião dela, se impõe aos estudos de História Medieval no Brasil hoje. Primeiramente, o acesso a documentos ainda não digitalizados ou publicados é muito difícil. Para os que pesquisam sobre a Idade Média ibérica o problema é maior, pois ainda há pouco material disponibilizado *on line*. Assim, resta a importação de obras, que não podem ser frequentes devido ao alto custo, e/ou viagens de pesquisa, que dependem de financiamento, e, no caso dos docentes, devem ser articuladas aos compromissos de ensino.¹⁵

Outro problema que se apresenta aos que desejam se especializar no estudo do Medievo Ibérico é a necessidade do conhecimento de línguas diversas, sobretudo do latim e das línguas e dialetos hispanos medievais. Tais disciplinas não figuram nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação em História, restando aos interessados buscar cursos particulares ou aprendê-las como autodidatas.¹⁶

Para José Rivair Macedo,¹⁷ há bastante tempo que a História Medieval chama a atenção dos brasileiros, mas só muito recentemente se pode falar de um efetivo interesse pelo estudo e pesquisa de História Medieval no Brasil. Embora carente de uma série de recursos técnicos de formação acadêmica especializada, e nem sempre com acesso aos métodos desenvolvidos nos principais centros de pesquisa dedicados ao Medievo, ainda assim se pode falar da existência de um grupo crescente de professores ou pesquisadores envolvidos diretamente com a discussão de temas, problemas e objetos de estudo relativos ao período histórico da Idade Média.

1.1. Grupos de Pesquisa e sua importância para a expansão da Medievalística em terras tropicais

Descrevendo acerca da importância dos grupos de pesquisa para a expansão da História medieval no Brasil, a já citada historiadora Néri Almeida,¹⁸ evidencia que eles passaram a desempenhar papel de primeira importância na formação dos especialistas em Idade Média e na organização dos projetos para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da área.

¹⁵ Idem. p. 96

¹⁶ Idem.

¹⁷ MACEDO, José Rivair. Os Estudos de História Medieval no Brasil: tendências e perspectivas. **Notandum**. São Paulo, Ano XII, n. 21, p. 95, set/dez 2009.

¹⁸ ALMEIDA, op. cit. p. 07.

Dentre os grupos que hoje atuam no aperfeiçoamento da pesquisa em História Medieval, destacaremos apenas alguns: o *Programa de Estudos Medievais* (PEM) da Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal de Goiás (UFGO), existente desde 1994, coordenado por Maria Eurydice de Barros Ribeiro; o *Scriptorium – Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos* da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenado por Vânia Leite Fróes; o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED), da Universidade Federal do Paraná, coordenado por Renan Frighetto e Fátima Regina Fernandes; o *Programa de Estudos Medievais* (PEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado por Andréia Cristina Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva; o *Translatio studii* coordenado por Mário Jorge da Motta Bastos (UFF) e o *Laboratório de Estudos Medievais* (LEME) que reúne as três universidades públicas do Estado de São Paulo (USP, UNICAMP, UNIFESP) e as Universidades Federais de Goiás (UFG) e de Minas Geras (UFMG) coordenado por Marcelo Cândido da Silva (USP).

Quero também destacar o *Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais* da Universidade Federal de Sergipe (UFS), coordenado por Bruno Gonçalves Alvaro que tem refletido sobre as relações de poder nas sociedades senhoriais. O *Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual na Antiguidade e no Medievo* (LETHAM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenado por Marcelo Pereira Lima e Marco Aurélio Oliveira da Silva. E por fim, o *Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval* (NEMHAM) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), coordenado por Fabricio Nascimento de Moura.

Já é sabido que os estudos medievais se encontram em plena expansão e o que é mais importante: em todas as direções geográficas do nosso país. Eles não mais se concentram somente no sudeste-sul do Brasil. Universidades Federais e Estaduais do centro-oeste e nordeste hoje não só acolhem medievalistas, como também, através dos grupos de pesquisa, promovem eventos de envergadura, inclusive internacionais.

Isso demonstra a importância do intercâmbio, além do fato de uma nova geração de pesquisadores estar preocupada com a troca de informações e coletividade temática.

1.2. “Fazendo Gênero” na Medievalística brasileira: novos horizontes teóricos e metodológicos

O que queremos evidenciar depois desta breve apresentação sobre o medievalismo no Brasil é que tais estudos constituem, já há algumas décadas, uma paisagem em mutação. Os trabalhos especializados em História Medieval expandiram-se, diversificando-se e fortalecendo-se como um território plural e polissêmico. Um exemplo claro disso, e que nos interessa em específico, é a incorporação dos chamados “Estudos de Gênero” como categoria de análise em pesquisas sobre o Medievo.¹⁹

Em um artigo apresentado no VII Seminário Internacional Fazendo Gênero, em 2006, a medievalista brasileira Carolina Coelho Fortes questionava se era possível escrever uma História Medieval do Gênero,²⁰ sua resposta para tal questionamento partiu das discussões empreendidas pela historiadora norte-americana Joan Scott, no seu clássico artigo: “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”.²¹ Os textos de Joan Scott passaram a ser traduzidos e publicados no Brasil a partir de 1990 e sua influência foi muito grande na historiografia. Poucos são os trabalhos que discutem Gênero que não a citam – mesmo que seja para refutá-la.

Para Scott,²² Gênero é constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, constituam-se no interior de relações de poder. As relações de Gênero não só instituem o “verdadeiro sexo”, como também atuam no regime de uma heterossexualidade obrigatória. E, principalmente, pode ser usado como categoria de análise para qualquer período histórico, inclusive para o Medievo. Trataremos disso posteriormente.

Uma prova clara dessa aplicação pode ser percebida anos antes do questionamento da Carolina Fortes. Por exemplo, em 1997 tivemos a primeira tese apresentada no Brasil, no âmbito dos Estudos Medievais, que utilizava a perspectiva do Gênero sobre o Medievo. Refiro-me ao trabalho “*O corpo dos pecados: representações e práticas sócio-culturais femininas nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250-1350)*”, de Dulce Oliveira Amarante dos Santos que foi orientada pelo Prof. Dr. Victor Deodato Silva e desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP).

¹⁹ BASTOS, Mário Jorge da Motta; RUST, Leandro Duarte. *Translatio Studii*. A história Medieval no Brasil. **Signum**, 10, p. 163-188, 2009.

²⁰ FORTES, C. C. É possível uma história medieval de gênero? Considerações a respeito da aplicação do conceito gênero em história medieval. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. **Anais do Seminário Internacional fazendo Gênero** 7, 2006.

²¹ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v 16, n.2: p 5-22, 1990.

²² Idem. p. 07 e seguintes.

Entretanto, no âmbito dos Estudos Medievais, à despeito do relativo desenvolvimento dos Estudos de Gênero na e da Medievalística, ainda há poucos trabalhos que se dedicam a estudar como as diretrizes de Gênero constituem e são constituídas pelas práticas e discursos sócio-políticos, econômicos e culturais, sobretudo no que se refere às articulações entre masculinidades e instituições monárquico eclesiásticas na Península Ibérica Medieval.²³

No Brasil, a situação é ainda mais restrita, pois ainda há pouca reflexão crítica do ponto de vista teórico-metodológico e epistemológico sobre as diferenças e semelhanças, mas também as convergências e divergências, estabelecidas entre numerosos ramos ou orientações dos Estudos Feministas, da História das Mulheres, dos Estudos de Gênero e da História das Masculinidades, e suas relações com a Medievalística Ibérica.²⁴

Em concordância com o historiador Marcelo Lima,²⁵ acreditamos que as instituições medievais têm sido vistas de maneiras tradicionais pelas Histórias Política e Cultural. Os novos parâmetros teóricos e metodológicos sobre as instituições e concepções políticas debatidas na chamada Nova História Política precisam continuar sendo integradas ao medievalismo. Assim como ele, não cremos que o problema esteja na tradicional alegação à falta de documentos escritos que impediria o estudo acurado da linguagem, identidade e experiência femininas/masculinas de diversos grupos socioculturais no Medievo.

Em entrevista concedida ao historiador Marcelo Lima,²⁶ Andréia Frazão, uma das mais conhecidas especialistas no Estudos de Gênero no Brasil, ressaltou que o uso da categoria/conceito Gênero, sem dúvida, ampliou-se nos últimos anos, sobretudo nos países anglo-saxões. Segundo ela:

No caso específico do Brasil, o quadro atual em muito se distancia do de 15 anos atrás, o aumento do número de trabalhos finais de graduação, mestrado e doutorado que empregam a categoria/conceito Gênero apontam que houve, de fato, uma expansão numérica das reflexões e que o campo cresceu em legitimidade junto aos especialistas. Desta forma, defendemos que os Estudos de Gênero, ainda que em pequeno número, contribuíram para consolidação do medievalismo brasileiro, com pesquisas originais e embasadas teoricamente.²⁷

²³ LIMA, Marcelo Pereira. Duelo de masculinidades: gênero, casamento e adultério clerical no reino de Leão e Castela, século XIII. **Revista Crítica Histórica**. Ano IV, n. 7, p. 153, julho 2013.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ LIMA, Marcelo Pereira. Fazendo Gênero na Medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. **Veredas da História**, v. 9, n. 2, p. 137, dez, 2016.

²⁷ Idem.

Hoje, o medievalismo brasileiro está cada vez mais consolidado. Porém, ainda assim, a História Medieval é uma área que precisa de vez em quando justificar a sua existência. A disponibilidade de verbas para atividades de divulgação e pesquisa voltou a ser bastante reduzida, bem como a possibilidade de se conseguirem bolsas de pós-graduação para o exterior.²⁸

Estas reflexões pretenderam unicamente sublinhar o quão vinculado está o medievalismo às tendências de época. O entrelaçamento das temáticas da cultura e do poder parece nortear as principais linhas de pesquisa atualmente funcionando no Brasil, coisa que, de resto, se repete em outras áreas da História.²⁹

No capítulo a seguir, apresentaremos um pequeno panorama analítico baseado no levantamento das dissertações de mestrado defendidas em nosso país entre os anos de 2000 à 2015 e discutiremos como elas manusearam e se vincularam às correntes teóricas de Gênero.

²⁸ COELHO, Maria Filomena. Breves reflexões acerca da História Medieval no Brasil. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues. (Org.). SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6., 2005, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006. p. 31.

²⁹ Idem. p. 31.

CAPÍTULO II

“GENDER STUDIES” E A MEDIEVÍSTICA BRASILEIRA: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

É possível escrever uma História Medieval do Gênero? A historiadora Carolina Fortes,¹ afirma que sim. Pois, tais estudos podem ser adequados à análise de qualquer época da História, inclusive ao período Medieval. Entretanto, segundo ela, para que seja possível uma História Medieval de Gênero é necessário que se temporalize este conceito e que este seja inserido no contexto histórico do Ocidente cristão.

Ainda, segundo Fortes, a História de Gênero preocupa-se em mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, e tenta evitar as posições fixas e naturalizadas. Para o caso do estudo da Idade Média não será diferente. A visão que aquela sociedade produziu em relação aos sexos constrói-se de acordo com seu próprio entendimento do que é ser homem e mulher, calcando-se, para isso, em uma série de fatores determinados por seu contexto histórico. Entender que a realidade histórica é social e culturalmente constituída é um pressuposto central para o pesquisador que usa Gênero como categoria analítica.²

Para Margaret Bridges,³ na literatura medieval, feminino e masculino ou mulheres e homens desempenham um importante papel e são com frequência objeto de representação da literatura cortês, das sagas e hagiografias. Na opinião da autora, pouquíssimos são os textos em que a relação ou a diferença de Gênero são irrelevantes.

Além disso, nos textos medievais, em sua imensa maioria escritos por homens, entendemos que o Gênero está marcadamente presente quando os autores se referem às relações entre homens e mulheres em seus contextos ou se propõem a elaborar modelos de comportamento para os dois sexos. Como salienta Carolina Fortes,⁴ as identidades de Gênero se constroem uma com relação à outra, dado a mentalidade diacrônica da própria

¹ FORTES, Carolina Coelho. É Possível Uma História Medieval de Gênero? Considerações a Respeito da Aplicação do Conceito Gênero em História Medieval. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 07., 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ufsc, 2006. p. 01 - 07.

² Idem.

³ SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves e. “*wîp unde man ze rehte prûeven*”. A construção do feminino e do masculino em *Parzival* de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. p. 28.

⁴ FORTES, Op. cit. p. 06.

sociedade medieval. Sem dúvida, esta categoria pode ser utilizada para o estudo da Idade Média como uma forma de significar as relações de sociais e de poder.

Assim, Gênero pode servir como uma referência instável, mas crítica, pois é uma postura teórica que se constrói. É imprescindível que se rompa com os conceitos preexistentes e que se adapte conceitos já existentes, temporalizando-os. Devemos ter referências nos conceitos já formulados para criar nossos próprios conceitos, que se baseiem e se adequem a nossa produção. Os conceitos preexistentes são ponto de partida para a formulação de outros, relativizados.⁵

Neste capítulo, demonstraremos como a categoria Gênero foi trabalhada em algumas dissertações de mestrado por nós selecionadas. Para tal, levamos em consideração a abordagem teórica nos estudos sobre a Idade Média e o acesso aos trabalhos concluídos através do Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

2.1. Apontamentos sobre uma análise historiográfica: o uso da categoria Gênero nas dissertações inventariadas para estudo

No campo específico da História Medieval em nosso país, segundo Silva,⁶ ainda há muito o que ser explorado tanto em termos temáticos quanto em formas de abordagem, documentos a serem analisados e na aplicação de diferentes teorias, métodos e técnicas de pesquisa, incluindo o uso da categoria Gênero.

Ao fazer um levantamento sobre os estudos de Gênero no campo da História Medieval, a historiadora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva salientou que, de 1990 até o primeiro semestre de 2003, apenas 4 dissertações e teses das 125 pesquisadas empregam a categoria Gênero em suas investigações sobre o Medievo.⁷ Obviamente que hoje, em 2017, este número não é o mesmo. Mas, tal constatação evidencia que dos temas de pesquisas desenvolvidas pelos medievalistas brasileiros existem temáticas predominantes e outras esquecidas e que ainda há muito que ser explorado, tanto em termos temáticos, quanto em formas de abordagem.

Ainda, segundo Andréia Frazão,⁸ as pesquisas que incorporam a categoria Gênero começaram a surgir em meados da década passada, mas ainda são quase pontuais. Em

⁵ Idem.

⁶ SILVA, Andréia Cristina Lopes da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, v. 11, nº 14. 2004. p. 88.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

muitos casos, são trabalhos de conclusão de curso, como dissertações e teses, realizados como etapas da formação intelectual e nos quais há, efetivamente, a motivação para estudar temáticas ainda pouco desenvolvidas.

A autora apresenta respostas para explicar o desinteresse dos historiadores brasileiros dedicados ao estudo da Idade Média pelo uso da categoria Gênero, até o primeiro semestre de 2003. Para ela, além do caráter ainda marginal dos estudos medievais em muitas universidades do país, que mantém os velhos argumentos de que no Brasil não houve Idade Média, ou que não há documentação e bibliografia disponíveis para a realização de pesquisa, os estudos de Gênero estão ainda associados, mesmo nos meios acadêmicos, aos movimentos feministas ou a grupos de homossexuais e lésbicas, e não são vistos como uma opção teórica. Bem como a pouca discussão e aprofundamento das questões teóricas nos trabalhos.⁹

Para o levantamento dos dados analisados para a elaboração deste projeto utilizamos (assim como fez Frazão da Silva)¹⁰, os boletins semestrais publicados pela Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), que congrega os medievalistas de todo o país, promove eventos acadêmicos, coordena pesquisas coletivas, e publica a revista *Signum*. Além disso, os cadernos de resumos e as atas de eventos acadêmicos brasileiros referentes ao Medieval, tais como a Semana de Estudos Medievais, organizada pelo Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ e os Encontros Internacionais de Estudos Medievais da ABREM.

Além disso, também foram acessadas as revistas brasileiras especializadas em História Medieval, como a já citada *Signum*,¹¹ a *Mirabilia*¹² e a *Brathair*.¹³ Informações variadas disponíveis na internet, a Plataforma Lattes¹⁴ e o Diretório de Grupo de Pesquisas.¹⁵ E para concluir, incluo também as publicações do Laboratório de Estudos Medievais (LEME),¹⁶ o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED),¹⁷ o Núcleo de

⁹ Idem.

¹⁰ SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM). p. 01-02.

¹¹ <http://www.abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignumn11/index>.

¹² <http://www.revistamirabilia.com/>.

¹³ <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/index>

¹⁴ <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>.

¹⁵ <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>.

¹⁶ <http://leme.vitis.uspnet.usp.br/>

¹⁷ <http://nemed.he.com.br/>

Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval (NEMHAM)¹⁸ e por fim, o *Vivarium* - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medieval.¹⁹

A seguir, segue uma tabela (em ordem cronológica) das dissertações por nós levantadas, seus títulos, autores, anos e instituições.

Autor	Título	Instituição	Ano
Valéria Fernandes da Silva	Relações de gênero no processo de construção do Mosteiro de São Damião.	UFRJ	2001
Carolina Coelho Fortes	Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena.	UFRJ	2004
Daniele Gallindo Gonçalves e Souza	“<i>wîp unde man ze rehte prûeven</i>”. A construção do feminino e do masculino em <i>Parzival</i> de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”.	UFRJ	2005
Maria Valdiza Rogério Soares	Gênero e construção da virgindade nas cartas de Clara de Assis para Inês de Praga e nas Legendas Menores: um estudo comparativo.	UFRJ	2007
Bruno Gonçalves Alvaro	A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo	UFRJ	2008

¹⁸ <https://www.nemham.com/>

	Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos.		
Ana Carolina Lima Almeida	A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo de <i>Decamerão</i> e do <i>De mulieribus Claris</i> de Bocaccio (Florença- século XIV).	UFF	2009
Gabriela da Costa Cavalheiro	“Sore ich me ofdrede heo wolde Horn misrede”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no <i>Romance of Horn</i> (cerca de 1170) e em <i>King Horn</i> (1225).	UFRJ	2011
Mariana Bonat Trevisan	Construção de identidades de gênero e afirmação régia: Os casais da realeza portuguesa entre os séculos XIV e XV a partir das crônicas de Fernão Lopes.	UFF	2012

Nossas análises iniciaram-se tomando como marco o ano de 2001, com a dissertação de mestrado “*Relações de Gênero no processo de construção do Mosteiro de São Damião*” da Prof.^a Valéria Fernandes da Silva, orientada pela professora doutora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ.

Em seu trabalho, desenvolvido junto ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ (PEM), Valéria Silva voltou-se para os primórdios da Segunda Ordem Franciscana a

partir do estudo das normas que o papado impôs à primeira comunidade de seguidoras de Francisco que se fixaram na Igreja de São Damião, em Assis, desde o início da comunidade até alguns anos após a morte de Clara. Ela analisa, em perspectiva comparativa, as regras beneditina e franciscana e as formas de vida de Hugolino, de Inocêncio IV e de Clara de Assis, para a sua pesquisa a autora emprega a categoria Gênero tal como foi formulada pela historiadora norte-americana Joan Scott.²⁰

Valéria F. Silva concluiu que na primeira metade do século XIII foram estabelecidas interdições comportamentais diferenciadas para os seguidores de Francisco com vistas ao controle da prática religiosa, criando um discurso de Gênero que buscava integrar homens e mulheres em um sistema de regras construídas, assimétricas e hierarquizadas.²¹

No ano de 2004, temos a dissertação de mestrado “*Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena*”, redigida por pela Prof.^a Carolina Coelho Fortes, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Leila Rodrigues da Silva, que foi apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ.

Em sua dissertação, Carolina Fortes analisou a obra *Legenda Áurea* de Tiago de Vorágine, frade dominicano do século XIII. Seu objetivo era discutir como este autor caracterizou as santas e santos em sua obra. Para tanto, estudou as vidas de dois homens, Domingos e Vicente, para depreender seus perfis de santidade e contrapô-los ao das santas Madalena e Maria, consideradas pela autora como representativas dos modelos do feminino no cristianismo.²²

A autora defendeu que em sua caracterização da santidade feminina, Tiago acabou por masculinizar as santas, ou seja, atribuiu a elas traços considerados masculinos na sociedade medieval ocidental, ainda que as tenha mantido com várias de suas características femininas. Ela concluiu que o padrão de santidade apresentado pelo hagiógrafo dominicano pressupunha uma valorização dos elementos considerados masculinos naquela sociedade, que foram alçados à esfera de perfeição. Assim, o único meio das mulheres serem reconhecidas por sua santidade seria negando os atributos considerados como naturalmente femininos naquela sociedade e incorporando, à sua

²⁰ Informações fornecidas pela própria orientadora, Cf: SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 88-107, 2004.

²¹ Idem.

²² Idem.

conduta, os masculinos. Há que ressaltar que, em sua introdução, fica clara a sua cautela em empregar a categoria Gênero, seguindo, também, as propostas teóricas de Joan Scott.²³

Já em 2005, tivemos a dissertação “*wîp unde man ze rehte priieven*”. *A construção do feminino e do masculino em Parzival de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”* da Prof.^a Daniele Gallindo Silva, orientada pelo professor doutor Álvaro Alfredo Bragança Junior, apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

Em sua dissertação Daniele Silva analisa as relações e construções de Gênero estabelecidas nos Livros I e II da Épica Cortês *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach, para demonstrar a relação do *Minnesänger* com o ideário cortês instituído na *Hohes Mittelalter* em grande parte das cortes da Europa Ocidental, no caso em questão, no Sacro Império Romano-Germânico. Para a autora, através da construção das personagens Belacâne, Herzeloyde e Gahmuret, Wolfram reafirma padrões de condutas e estabelece as relações entre feminino e masculino de acordo com o código de cortesia em voga na Literatura Cortês em *Mittelhochdeutsch*.

A sua documentação, *Parzival*, foi escrita entre 1197 e 1210 por Wolfram, que utiliza-se de uma obra inacabada de Chrétien de Troyes – *Li Contes del Graal* – que fora composta aproximadamente em 1180. *Parzival* é uma épica cortês que pertence ao “ciclo arturiano”, pois a história se passa na corte de Arthur.

Em sua pesquisa, Daniele Gallindo Souza realiza a interdisciplinaridade entre duas áreas do conhecimento – História e Literatura – com vistas ao estabelecimento de um quadro informativo mais abrangente, que enriquece, valoriza e aumenta o cabedal de dados úteis.

Tendo como arcabouço teórico os Estudos de Gênero, a autora concluiu sua dissertação apontando que o discurso em relação ao feminino é o misógino. As mulheres representadas em *Parzival* carregam consigo o grande ideal pregado pelo *Minnesänger*; a fidelidade. Delas só são esperadas boas ações e atitudes cortesias. O feminino idealizado simboliza, pois, uma extensão do masculino.

Em 2007 tivemos a dissertação “*Gênero e construção da virgindade nas cartas de Clara de Assis para Inês de Praga e nas Legendas Menores: um estudo comparativo*”, da Prof.^a Maria Valdiza Rogério Soares, apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-

²³ Idem.

graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof.^a Dr.^a Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva.

O referido estudo vinculava-se ao projeto coletivo “*Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*”, uma das linhas de pesquisa do Programa de Estudos Medievais (PEM/UFRJ), elaborando reflexões sobre Gênero, corpo e as transformações ocorridas na Igreja sob a liderança do Papado.

A autora teve como objetivo analisar, na perspectiva dos estudos de Gênero, tal como foi cunhada pelas teóricas Joan Scott e Jane Flax, as cartas escritas por Clara de Assis para Inês de Praga e as *Legendas Menores*, como a categoria virgindade foi construída por Clara, comparando-a com a presente em escritos hagiográficos dedicados a ela, compostos logo após a sua canonização. Seleciona como objeto de estudo os discursos sobre a virgindade no século XIII, na Península Itálica.

Por conseguinte, Maria Soares buscou relacionar a produção das cartas de Clara à Inês e das *Legendas Menores* aos ideais franciscanos, às transformações operadas no seio da Igreja e ao modelo de comportamento hegemônico esperado para as mulheres nobres no Ocidente no século XIII. Identificar e discutir como Clara constrói a categoria virgindade em suas cartas para Inês de Praga, a partir da categoria Gênero. Discutir como as *Legendas Menores* caracterizam a virgindade de Clara, também sob a perspectiva do Gênero. E, por fim, comparar a construção da virgindade por Clara de Assis com a presente nas *Legendas Menores*, visando explicar as diferenças e semelhanças entre elas.

A autora concluiu sua dissertação evidenciando que a castidade e a virgindade vividas pelas mulheres medievais eram um meio de desviar-se daquilo que era esperado para todas elas, ou seja, a vida materna e o casamento tradicional. Além disso, pequenos grupos de mulheres buscavam uma vida religiosa sem os tradicionais adendos do dote, clausura e agregação às ordens masculinas existentes.

Por conseguinte, em 2008 o Prof. Bruno Gonçalves Alvaro teve sua dissertação de mestrado, *A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos*, apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ, sob a orientação da Prof. Dr.^a Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva.

Em sua pesquisa, Bruno Alvaro preocupou-se em analisar, à luz dos Estudos de Gênero e através do Método Comparativo em História, como foram construídas as masculinidades no Medievo Ibérico. Não na Península Ibérica como um todo, mas sim, em casos específicos de Castela no século XIII, a partir da análise dos discursos de duas

obras selecionadas, o *Poema de Mio Cid* e a *Vida de Santo Domingo de Silos*, escritos no século XIII pelos clérigos poetas Per Abbat e Gonzalo de Berceo, respectivamente.

Para o autor, através do estudo das vidas dos protagonistas das obras selecionadas, e a partir dessa “base” teórico-metodológica foi possível observar um mesmo ideal de masculinidade, comum a leigos e religiosos, construído mediante qualificações positivas como coragem, bondade, fidelidade, compromisso com a fé cristã, etc., e em seu relacionamento com outros homens e mulheres. A pesquisa se desenvolve através do arcabouço teórico desenvolvido pelos Estudos de Gênero postulados pela historiadora norte-americana Joan Scott, no seu clássico artigo “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”.

Em sua pesquisa, Alvaro evidenciou as dificuldades encontradas nas suas análises inseridas nos Estudos de Gênero e, principalmente, no que se refere à conceitualização do termo “masculinidade(s)”; pois, segundo ele, trata-se de um campo cujas abordagens são múltiplas, sem precisões e conceitos definidos. Na construção de sua interpretação o autor dialoga, predominantemente, com a historiografia espanhola. Talvez, isto se deva pelo fato da escassez de estudos sobre tais temáticas no Brasil (refiro-me à estudos das masculinidades em Castela no século XIII) e/ou por se tratar de uma análise focada na Península Ibérica

Doravante, em 2011 tivemos a dissertação “*Sore ich me ofdrede heo wolde Horn misrede*”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225), da Prof.^a Gabriela da Costa Cavalheiro, apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior.

Em sua dissertação, Gabriela Cavalheiro faz uma (re)leitura de dois romances insulares compostos no baixo Medievo Inglês, a saber, o *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225). Seu estudo se pautou no diálogo com diferentes autores e no uso interdisciplinar do aporte teórico e metodológico dos estudos em História Comparada, Gênero e Sexualidade. A autora identifica, em ambos os romances, a presença acentuada de expressões relativas à sexualidade feminina. E, a partir da análise dos textos e de seus contextos discursivos, identificou que os saberes de Gênero permeavam todas as expressões da sexualidade em ambas as narrativas. O conceito de Gênero adotado na pesquisa provém do pós-estruturalismo e, em específico, da teórica Joan Scott, porém, em diálogo constante com o que propôs a filósofa Judith Butler, tornando seu trabalho, a meu ver, inovador.

Além disso, em sua dissertação, a Gabriela Cavalheiro apresenta uma profícua discussão epistemológica, teórica e metodológica de uma História da sexualidade, do Gênero (numa perspectiva pós-moderna) e das transferências culturais. Conhecimentos estes que norteiam todo o seu trabalho, deixando o leitor totalmente inteirado das questões conceituais utilizados por ela. Uma vez estabelecidas as fronteiras conceituais da sexualidade, foca analiticamente a maneira como os saberes sobre essa temática se constituíram e se perpetuaram durante o período medieval.

Uma das conclusões de sua dissertação afirma que as expressões da sexualidade feminina, impressas nos romances, são condicionadas por redes discursivas cujas inflexões de Gênero não demarcam corpos sexuados como objetos de desejo, mas acentuam, naqueles corpos, os elementos cortesões que os transformam em elementos afrodisíacos.

Em ambos os romances, as figuras femininas a protagonizarem uma relação amorosa com Horn, a saber, Rigmel no *Romance of Horn* e Rymenhild em *King Horn*, atuam de maneira bastante peculiar, uma vez tomado como paradigma o comportamento de outras damas em outras narrativas contemporâneas. Ao assumirem o papel masculino no ato de cortejar, ambas as damas permitem-se expor seus desejos e explorar, seja através de seus corpos ou do diálogo com outros personagens, elementos ligados à sua sexualidade.

Por fim, em 2012 tivemos a dissertação “*Construção de identidades de Gênero e afirmação régia: Os casais da realeza portuguesa entre os séculos XIV e XV a partir das crônicas de Fernão Lopes*” da Prof.^a Mariana Trevisan, apresentado e aprovado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, orientada pela professora doutora Vânia Leite Fróes.

Em sua dissertação de mestrado Trevisan analisa a relação entre a afirmação política de uma nova casa real e a construção de identidades de Gênero para os membros da realeza portuguesa a partir da *Crónica de D. Pedro I*, da *Crónica de D. Fernando* e da *Crónica de D. João I*, obras de Fernão Lopes, cronista oficial da dinastia de Avis.

O intuito era estudar como são construídas no relato lopeano identidades de Gênero para D. Pedro I e sua amante D. Inês de Castro (1325- 1355), D. Fernando (1367- 1383) e a rainha D. Leonor (1350-1386). Identificando como são caracterizados os personagens, de modo positivo ou negativo, conforme os valores referentes ao imaginário da sociedade medieval e os propósitos da legitimação avisina. Enfim, a pesquisa centrou-

se no estudo da construção discursiva de identidades de Gênero e sua relação com a afirmação do poder régio na baixa Idade Média portuguesa.

A autora propõe uma abordagem que entende a política e o Gênero como elementos constituintes e essenciais das relações sociais e de poder. Sendo mais específico, ela utiliza-se do conceito de Gênero tal como foi proposto pela historiadora Joan Scott.

Nas dissertações acima citadas e analisadas, percebeu-se que a teórica do Gênero Joan Scott é a mais utilizada e influente entre os medievalistas brasileiros o que pode ser explicado pelo fato dela ser uma historiadora e ter sido uma das primeiras a refletir, de forma sistemática, sobre o uso da categoria Gênero nas investigações históricas. Desde 1990, Joan Scott prevalece como a teórica mais utilizada nos estudos de Gênero sobre o Medievo. Todos os trabalhos usam e abusam do conceito “scottiano” de Gênero. Tornam-se até mesmo repetitivos, no sentido de não problematizarem tal perspectiva considerada pós-moderna.

É inegável que houve um avanço muito significativo na medievalística brasileira de 2000 a 2017. Entretanto, mesmo com todo o crescimento ainda continua sendo limitado os trabalhos que usam de forma efetiva o Gênero como categoria de análise. Como já apontou Andréia Frazão,²⁴ muitos dos materiais produzidos são trabalhos de conclusão – monografias, dissertações e teses – ou textos diretamente ligados a esses, realizados como etapas da formação intelectual e nos quais há, efetivamente, a motivação para estudar temáticas ainda pouco desenvolvidas.

Neste sentido, cabe apontar o Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ como o principal núcleo incentivador/influenciador das pesquisas que empregam a categoria Gênero. Parece-nos que tal núcleo continua, desde 2006, o único organizado no Brasil a desenvolver estudos de Gênero tendo como campo exclusivo a História Medieval.

Andréia Frazão cita algumas iniciativas nos últimos anos que contribuíram para o incentivo e desenvolvimento da abordagem do Gênero na historiografia medieval brasileira. A autora destaca a oferta do minicurso “*Aproximações historiográficas ao medievo: teorias, métodos e técnicas da história das mulheres e dos Estudos de Gênero*”

²⁴ SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM).

no I Encontro de História Antiga e Medieval do Maranhão, realizado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) em 2005, e a organização do Simpósio Temático *Fazendo e rompendo fronteiras: gênero, idade média e interdisciplinaridade*, pelos professores doutores Valéria Fernandes da Silva, a própria Andréia Frazão e Marcelo Pereira Lima, realizado em agosto de 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).²⁵

Nós consideramos também a importância do II Encontro Internacional de História Antiga e Medieval de Imperatriz no Maranhão, organizado pelo Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval (NEHAM) da já citada Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), realizado este ano de 2016, mas, que vem sendo realizado desde 2015, tendo como temática: amor, sexualidades e erotismo. E por fim, o I Seminário de Pesquisa sobre Estudos de Gênero e História: transversalidades interdisciplinares, realizado na UFBA, coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima. Neste seminário foi discutido o Gênero em perspectiva pós-moderna no medievo.

Todos esses eventos destacados são importantes para que o debate sobre o Gênero no medievo marque, definitivamente, um território de investigação científica na academia brasileira.

2.2. Joan Scott: breves considerações sobre o seu (tão utilizado) conceito de Gênero

Todos os trabalhos acima citados são ancorados nos postulados teóricos da historiadora Joan Scott. Questionamo-nos então: O que significa Gênero para esta autora pós-estruturalista? Quais foram as suas inovações para os estudos de Gênero a ponto de ser tão citada por estes pesquisadores?

A contribuição de Joan Scott pode ser verificada no texto “Gender a Useful Category of Historical Analysis”, de 1986, posteriormente traduzido, em 1990, no Brasil com o título “Gênero: uma categoria útil de Análise Histórica”. Este artigo tornou-se um clássico, pois representou um dos principais avanços teóricos para os pesquisadores interessados pelo recente campo, que começou a se consolidar no nosso país no início dos anos 90.

Para Joan Scott, Gênero é constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e constituem-se no interior de relações sociais de poder. As

²⁵ Idem.

relações de Gênero não só instituem o “verdadeiro sexo”, como também atuam no regime de uma heterossexualidade obrigatória.²⁶

A autora articula Gênero com a noção de poder. Para ela, Gênero:

[...] tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.²⁷

A definição de Gênero que Scott apresenta parte de duas proposições: a) Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e b) Gênero é um modo primário de significar relações de poder. A primeira refere-se ao processo de construção das relações de Gênero. A segunda refere-se à pertinência da aplicação do termo como categoria de análise de outras relações de poder único, é um meio recorrente de proporcionar a significação de poder e conduz o historiador a buscar as formas pelas quais os significados de Gênero estruturam a organização concreta e simbólica de toda a vida social.²⁸

Para Scott, devemos descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas; achar qual o sentido e como funcionaram para manter a ordem social e para mudá-la; como as sociedades representam o Gênero e como utilizam dele para articular regras de relações sociais.

Como bem constatou a Andreia Frazão,²⁹ ainda há muito que ser percorrido nos estudos realizados no campo da História Medieval no Brasil. Sobre a inserção do Gênero como categoria de análise histórica nos estudos sobre o Medievo. O uso ainda recente, restrito e, em alguns casos, carente de rigor teórico-metodológico do Gênero nos trabalhos de Idade Média, é um dos problemas a serem combatidos no Brasil.

²⁶ SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: _____. **Gender and Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1999. p. 28-50.

²⁷ Idem, p. 30.

²⁸ PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol.17, no.1, p.159-189, abr. 2009.

²⁹ SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006.

CAPÍTULO III

QUEERIZANDO O MEDIEVO: POR UMA PERSPECTIVA SUBALTERNA NA ESCRITA DE CLIO

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”.

(Michel Foucault)

Existe um oceano de teorias diante dos/as historiadores/as que podem possibilitar novas descobertas e novas perspectivas de análise sobre o passado. Diante de tantas possibilidades, é necessário ao/à pesquisador/a escolher um só paradigma, ou um único sistema teórico? Há autores/as incompatíveis uns com os/as outros/as, bem como conceitos que não podem ser misturados entre si sob hipótese alguma? Existem “autores/as consagrados/as”, cuja contribuição é inquestionável e definitiva? E mais que isto, aceitar imposições cegamente não é contraproducente e limitador?¹ Como foi apresentado anteriormente, temos inúmeros trabalhos sobre o medievo que baseiam suas pesquisas somente no arcabouço teórico da autora Joan Scott.

Seria uma questão institucional usar apenas a Scott? Não podemos desprezar o fato de que a produção historiográfica e/ou a escrita da História é fortemente influenciada pela localização em que ela foi realizada - leia-se -, pelo “lugar institucional” que o/a historiador/a está inserido, mobilizando o seu interesse e tipo de pesquisa. Todo trabalho historiográfico se articula com um lugar de produção socioeconômico, político, cultural, etc. Ele está, pois, submetido a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente.²

¹ É com tais questionamentos que o historiador José D’Assunção Barros reflete sobre a liberdade teórica nas pesquisas históricas em seu livro *Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais*. Cf.: BARROS, José D’Assunção. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

² CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

Segundo Michel de Certeau,³ “a escrita da História se constrói em função de uma instituição”. O autor baseia sua argumentação no fato de que é através dos interesses de uma instituição que a História enquanto uma disciplina vai se organizar. Os desejos institucionais vão atuar desde a metodologia empregada, ou até mesmo na seleção das fontes, para as pesquisas a serem elaboradas. E no nosso caso, na teoria e/ou conceito escolhido. Portanto, o estudo histórico é produto de um lugar. Ele afirma que a atividade de pesquisa histórica está sempre inserida em um lugar, no qual, de acordo com os seus interesses, definirá o que pode vir a ser feito e o que não é permitido ser realizado.

De todas as pesquisas por nós analisadas a única que apresenta um diálogo interdisciplinar com outras vertentes e teorias do Gênero é a dissertação da Gabriela Cavalheiro,⁴ que realiza um profícuo debate entre Scott e Judith Butler, por exemplo. O seu conhecimento por outras perspectivas e conceitos de Gênero surgiram bem antes do seu mestrado, na época da graduação. Em entrevista, realizada por e-mail, Gabriela Cavalheiro afirma:

Ainda durante a graduação eu esbarrei nos textos da Judith Butler e de algumas críticas literárias inglesas e norte-americanas ao ler material para minha pesquisa em literatura medieval insular. Nada me foi indicado por nenhum professor ou pesquisador no Brasil, foram iniciativas de pesquisa/leitura bastante individuais. Quando estava na graduação, os Estudos de Gênero no Brasil não eram tão comuns no âmbito dos estudos literários e historiográficos e sofriam enorme resistência tanto de colegas quanto de disciplinas acadêmicas.⁵

Ainda, segundo ela:

Joan Scott ainda é lida, ou pelo menos era, como uma espécie de ‘papisa’ nos Estudos de Gênero no Brasil e, durante o mestrado, isso ficou bastante claro. As disciplinas teóricas que cursei sobre gênero, História das Mulheres e Masculinidades, por exemplo, não [...] incluíam textos da Butler ou de outras teóricas fortes como a Bell Hooks. Até hoje, pelo que percebo através do pouco contato que tenho com acadêmicos brasileiros que desenvolvem pesquisas na área, Butler ainda não aparece com força dentro da medievística brasileira. Acredito que a resistência que ainda possa existir ao trabalho da teórica se baseia em parte na dificuldade que a academia brasileira possui, em termos, de trabalhar com conceitos que não são ‘fechados’ ou ‘estáveis’. Fui

³ Idem. p. 66.

⁴ CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. “**Sore ich me ofdredeheowolde Horn misrede**”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225). Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

⁵ CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. Questões respondidas a Cassiano Celestino de Jesus em entrevista realizada por e-mail, dia 21/04/2017.

apresentada (oficialmente) aos textos da Scott no primeiro semestre do curso de mestrado, durante uma disciplina teórica.⁶

É possível pensar o Gênero a partir de outros postulados? Sendo mais específico, é possível pensar o medieval a partir de uma outra abordagem? Diante de tais questionamentos, queremos apontar outros possíveis conceitos/abordagens de Gênero para quem se interessa por tais estudos no campo da História Medieval. Para este texto, nosso foco se voltará para a perspectiva da autora Judith Butler e os chamados Estudos Queer.

3.1. Penetrando em outros buracos teóricos: Judith Butler e seu conceito de Gênero

Ao conceituar Gênero tanto a filósofa estadunidense Judith Butler, como sua colega Joan Scott – falando a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, altamente influenciada por Foucault – destacam que tanto Sexo quanto Gênero são, em primeiro lugar, formas de saber, isto é, conhecimentos a respeito dos corpos, das diferenças sexuais, dos indivíduos sexuados. Ambos são conceitos históricos (no sentido de possuírem uma história, serem passíveis de uma genealogia) e, desta forma, mutáveis no tempo e no espaço.⁷

Judith Butler é professora de retórica e literatura na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Estudou filosofia nos anos 1980, e seu primeiro livro *Subjects of desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*, lançado em 1987, teve como foco o impacto da obra de Hegel sobre os filósofos do século XX. Seus livros subsequentes recorrem amplamente a teorias psicanalíticas, feministas e pós-estruturalistas. Em maior ou menor grau, todos os seus livros levantam questões sobre a formação da identidade e da subjetividade. Butler, preocupa-se em questionar o “sujeito”, e os processos através dos quais ele vem a existir, através de que meios são construídos e como essas construções são bem-sucedidas (ou não).⁸

É bem provável que aquele que se disponha a conhecer a sua obra a receba, em um primeiro momento, como uma provocação. O tema central de suas pesquisas é o

⁶ Idem.

⁷ Cf.: BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁸ SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

“Gênero”, mas, olhando de perto, Gênero não é um problema do campo da “sexualidade”, é um problema político e, mais perigosamente, um problema ontológico.

Seu trabalho procura desnaturalizar as “verdades” de toda a identidade que oprime as singularidades humanas que não se enquadram nos padrões normativos, morais e sociais. As pessoas não são mais definidas como homens e mulheres, mas como praticantes de sexualidade: homossexual, heterossexual, bissexual, transexual. Sua teoria critica a associação automática do sexo biológico das pessoas à identidade de Gênero e à orientação sexual delas. Ela defende a noção de que a identidade e o Gênero das pessoas são mais flexíveis do que isso.

Para Butler, a identidade não tem fim, se (re)constrói constantemente. O seu trabalho descreve os processos pelos quais a identidade é construída no interior da linguagem e do discurso. As instituições, os discursos e as práticas nos criam ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso Gênero.

Ao ler os textos da referida filósofa, nota-se que fazer perguntas é o seu estilo preferido, e muito raramente ela lhes dá respostas. Butler não é uma pesquisadora que pretende resolver os problemas e as questões que levanta em suas análises. Ela vê a resolução como perigosamente antidemocrática, não tem a intenção de apresentar propostas, conclusões, e “pontos finais” sobre determinadas questões.⁹

Butler desfaz a distinção sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja desde já e, desde sempre, Gênero. Todos os corpos são “genderificados” desde o começo de sua existência social, o que significa que não há “corpo natural” que preexista a sua inscrição cultural. O Gênero não é algo que *somos*, é algo que *fazemos*, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos.¹⁰ Ela desenvolve essa ideia logo no primeiro capítulo de seu livro *Problemas de gênero*, ao afirmar que:

O gênero é a contínua estilização do corpo, **um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido** e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos construtivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social.¹¹ (Negrito nosso)

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008. p. 33.

O Gênero é um estilo corporal, um ato, uma “estratégia que tem como finalidade a sobrevivência cultural, uma vez que quem não “faz” seu gênero corretamente é punido pela sociedade. Em vez de partir da premissa de que o sujeito é um viajante metafísico preexistente, Butler descreve-o como um sujeito-em-processo que é construído no discurso pelos atos que executa. Ela argumenta que a identidade de Gênero é uma sequência de atos, mas que não existe um ator preexistente que pratica esses atos, não existe nenhum fazedor por trás do feito.¹²

Assim, Butler afirma que o Gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos”, e não algo que “somos”. Ela afirma, antes de mais nada, que todo Gênero é, por definição, não natural. A autora diz isso para então começar a desfazer a conexão entre sexo e Gênero que muitos acreditam ser inevitável. Isto é, espera-se que alguém biologicamente fêmea, exiba traços “femininos” e num mundo heteronormativo (no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Desta forma, ao falar que o Gênero é “não natural” ela quer evidenciar que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu Gênero.

Butler torna-se extremamente enfática e repetitiva (até mesmo cansativa) em afirmar que o sexo e Gênero são resultado do discurso e da lei. Ela utiliza-se da *crítica da hipótese repressiva* formulada por Foucault, que refuta o pressuposto generalizado de que a sexualidade no século XIX era reprimida pela lei. Argumenta que, em vez disso, a sexualidade era *produzida* pela lei e que, longe de um silêncio em torno do sexo, o que havia, no século XIX, era “a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais”.¹³ Assim, falar sobre o sexo é um modo de, simultaneamente, produzi-lo e controlá-lo. Isso leva Butler a argumentar que, ao mesmo tempo que proíbe as uniões homossexuais/incestuosas, a lei as inventa e as provoca. A própria lei produz e proíbe.

Butler não está interessada na busca de uma origem ou causa do Gênero, mas sim em realizar uma investigação genealógica¹⁴ que estude os efeitos do Gênero e reconheça que o Gênero é um efeito. É sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se pode dizer que preexiste ao feito. Assim sendo, não se pode pensar numa Idade Média

¹² SALIH, Op. Cit.

¹³ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. p. 22.

¹⁴ Ela usa a palavra no seu sentido especificamente foucaultiano para descrever uma investigação sobre o modo como os discursos funcionam e os propósitos políticos que eles cumprem.

sob a ótica da pós-moderna Judith Butler? Por que não escrever uma História Medieval Queer?

3.2. Idade Média e teorias pós-modernas: possibilidades nas margens

No ano de 2006, em um artigo sobre o chamado novo medievalismo,¹⁵ Jaume Aurell, professor de História da Universidade de Navarro, anunciava sutilmente a influência do pós-modernismo na historiografia atual e suas consequências na reformulação de métodos e categorias que mais estavam estabelecidos na disciplina histórica. O historiador dava ênfase, sobretudo, na grande potencialidade das chamadas teorias pós-modernas nos estudos sobre o medievo.

Para Aurell,¹⁶ a leitura do texto medieval a partir de uma perspectiva pós-moderna torna-se mais viável, porque se experimenta uma maior identificação entre o texto medieval e o pós-moderno. Os dois reduzem suas distâncias metodológicas e epistemológicas. Ambos contrastam radicalmente com o texto histórico moderno (séculos XVI-XX), cuja univocidade está fundamentada em uma leitura empírica, científica, positivista e paradigmática da realidade que nos chega através dos documentos. Esta univocidade é negada tanto pelos textos medievais como pelos pós-modernos.

Ainda, segundo ele, não é mais suficiente e possível analisar os textos da historiografia medieval a partir de uma perspectiva racionalista e positivista. Jaume Aurell não descarta a ideia de preservação dos métodos mais tradicionais do medievalismo, mas aponta que talvez devemos prestar mais atenção às novas correntes, relacionadas de um modo ou outro com o pós-modernismo, que permitem um acesso aos textos históricos de forma poliédrica e interdisciplinar.¹⁷

Entretanto, atualmente, o medievalismo parece apresentar algumas reservas com relação à viabilidade destas novas correntes. Apesar dos trabalhos por nós analisados no segundo capítulo, nos parece que o debate sobre o pós-modernismo e suas repercussões historiográficas ainda tem uma incidência um pouco minoritária nos ambientes

¹⁵ AURELL, Jaume. El Nuevo Medievalismo y la interpretación de los textos históricos. **HISPANIA. Revista Española de Historia**, vol. LXVI, n. 224, p. 809-832, septiembre-diciembre 2006. Para este trabalho utilizamos a versão traduzida para o português, publicada pela Revista Roda da fortuna: AURELL, Jaume. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. **Roda da Fortuna**, vol. 04, n. 02. p. 184-208, 2015.

¹⁶ Idem. p. 187-188.

¹⁷ Idem. p. 202.

acadêmicos brasileiros. Para Aurell,¹⁸ muitos/as deles/as demonstram receio sobre a invasão das ideias pós-modernas no âmbito do medievalismo, porque quando são levadas às últimas consequências geram um relativismo nada aconselhável para o trabalho científico. Por exemplo, nos anos setenta, Hayden White, um dos principais representantes do pós-modernismo, declarava:

Houve relutância em considerar as narrativas históricas como o que elas mais manifestamente são: ficções verbais, cujos conteúdos são tão inventados como encontrados e cujas formas têm mais em comum com os seus homólogos na literatura do que aquelas nas Ciências.¹⁹

Há ainda aqueles/as que consideram anacrônico pensar o Medievo a partir de uma postura considerada pós-moderna. Estes/as esquecem que a História é contemporânea, e que sempre utilizaremos categorias do presente para pensar o passado, já dizia Marc Bloch, no século XX, em seu livro inacabado *“Apologia da História ou o Ofício do historiador”*.²⁰ No mesmo livro, o autor ainda afirma que a História só é feita recorrendo-se a uma multiplicidade de documentos e de técnicas. Ele acha que não é possível entender o presente sem estudar o passado, e também não é possível compreender o passado sem estudar o presente. Em suma, uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente.

Ao colocar novas questões em relação ao passado, a nos levar a repensar a História, a observá-la com os outros olhos, e a demandar novas investigações, os estudos pós-modernos, como o queer, não abriria novas possibilidades de investigação e descobertas? Não estamos querendo impor um novo dogma ou modelo teórico-metodológico para a pesquisa em História Medieval, não se trata de mostrar superioridade desta ou aquela teoria-metodologia. A ideia é apresentar/refletir sobre os possíveis novos modos de ser trabalhar e estudar o passado. Abrir o olhar para novos horizontes, uma vez que a História é uma ciência em construção.

Desta forma, queremos apontar as potencialidades e possibilidades que a Teoria Queer pode trazer para o medievalismo. Parafraseando a Guacira Lopes Louro,²¹ a irreverência e a disposição da Teoria Queer nos incitam a jogar com suas ideias, sugestões, enunciados e testá-los no campo da História. Queremos apostar em suas articulações, por em movimento o subversivo, arriscar o impensável, fazer balançar

¹⁸ Idem. p. 187.

¹⁹ WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EdUSP, 2001, p. 97.

²⁰ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

²¹ **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

estabilidades e certezas. Não temos qualquer garantia de conseguir sucesso nesses movimentos, mas tentamos ensaiá-los.

3.3. O que é o Queer? Breves penetrações na “Teoria Cu”²²

Antes de prosseguirmos nossas reflexões, se faz necessário fazer uma pausa para explicar o que vem a ser a corrente de estudos conhecida como Teoria queer. Não existe uma definição absoluta, bem definida e imutável sobre esta vertente de estudos. O queer é plural. Ele transita e é heterogêneo. A ideia é possibilitar que pessoas (estudantes ou não), que não conhecem e não tem uma familiaridade com esta teoria, possam ter uma introdução e/ou alguns conhecimentos prévios sobre este campo de saber.

A Teoria Queer questiona, provoca, gera desconforto, incômodo e, sobretudo, perturbação. Ela modifica o nosso olhar para pensar os corpos, as sexualidades e o Gênero. Ela desestabiliza porque permite pensar “para além dos limites do pensável”.²³ O impensável – leia-se uma sociedade não fundada na proibição das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo - não está fora da cultura, antes dentro dela, apenas de forma dominada. É possível pensar de forma insurgente pelas bordas do social, na região que foi propositalmente forcluída dele e, muitas vezes, relegada até mesmo ao reino do abjeto. Emerge assim um pensamento queer, não-normalizador, uma teoria social não-heterossexista e que, portanto, reconhece a sexualidade como um dos eixos centrais das relações de poder em nossa sociedade.²⁴

As origens da Teoria Queer remontam ao fim da chamada Revolução Sexual, dos movimentos liberacionistas e gays e do curto período de despatologização da homossexualidade, retirada da lista de enfermidades da Sociedade Psiquiátrica Americana, em 1973. Foi em meio ao refluxo conservador detonado pela epidemia da AIDS (1970-1980) que pesquisadores/as de diversos países desenvolveram análises inovadoras sobre a hegemonia política heterossexual.²⁵

²² Em inglês, a palavra Queer significa “bicha”, “viado”, “estranho”, “anormal”, é uma ofensa, insulto. Não há na língua portuguesa uma palavra com teor depreciativo tão forte quanto “queer” para a língua inglesa (LUGARINHO, 2001, p. 41). É impossível traduzir o queer para a língua portuguesa, visto a complexidade deste termo em inglês. A experiência da tradução deve se conformar com a proposta desconstrucionista: reinterpretando, reelaborando, desconstruindo (LUGARINHO, 2001). Desta forma, quando falo em “teoria cu”, mais que uma tradução para o queer, talvez eu esteja querendo (re)inventar e/ou reelaborar uma tradição para nossos saberes de cucarachas, periféricos e marginais (PELÚCIO, 2014).

²³ LOURO. Op, cit.

²⁴ MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, p. 17, 2014.

²⁵ Idem.

O pesquisador Richard Miskolci²⁶ evidencia que existem várias formas de pensar sobre o que é o queer. Ele/a tem uma origem multisituada, global. O queer não é só norte-americano, diversos pesquisadores/as de vários países contribuíram para a sua composição. Além disso, o autor não compreende a Teoria Queer como uma vertente de estudos estrangeiros que veio nos colonizar.

Assim como ele, o historiador Fernando Benetti, se opõe a uma concepção que entende a Teoria Queer como um conhecimento que veio nos colonizar pelos EUA. Em seu trabalho de monografia, o autor evidencia que bem antes da emergência desses estudos no Brasil, por aqui já se desenvolvia pesquisas com interpretações do que se convencionou a chamar de queer. Benetti, cita, por exemplo, o livro *O que é homossexualidade?* de Peter Fry e Edward MacRae (1985); Para ele, existem elementos ou pinceladas *queer* que podem ser percebidos no livro. Por exemplo, logo na introdução desta obra os autores afirmam que:

Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Para nós, um, ou outro ou ambos têm o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente apenas reservada para a homossexualidade.²⁷

Para Benetti, este parágrafo está em consonância com os Estudos Queer, ao problematizar o caráter de normalidade da heterossexualidade e ao afirmar que as sexualidades devem ser interpretadas como construções sociais, possibilita afirmar que de fato, Fry e MacRae estão *queerizando* as sexualidades, estão problematizando o binarismo, e desconstruindo a heteronormatividade.

É possível afirmar que “*Teoria Queer*” é um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas. Tratam-se de regulações sexuais e de Gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem.²⁸

O termo queer pode ser interpretado por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. A expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Este termo é assumido por uma vertente de movimentos homossexuais para caracterizar sua perspectiva de oposição e

²⁶ Informação fornecida por Miskolci no I Seminário Queer, em São Paulo, em setembro de 2015.

²⁷ BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf.

²⁸ MISKOLCI. Op. cit. p. 08.

contestação. Para eles, queer significa ir contra a normalização, tendo como principal alvo a heteronormatividade.²⁹

A Teoria Queer só ganha forma em 1991, com o artigo “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities” de Theresa De Lauretis publicado na revista *Differences*. Neste texto, a autora utiliza pela primeira vez o termo “Teoria Queer” para designar um estudo que teria como objetivo descentralizar a heterossexualidade de seu lugar padrão e falar sobre aquelas/es que foram esquecidos, patologizados e medicalizados durante a História das sexualidades.³⁰

O Sociólogo Richard Miskolci afirma que é possível compreender Teoria Queer como um termo aberto, usado inicialmente nos Estados Unidos, pela já citada feminista italiana Teresa De Lauretis, para apontar um olhar crítico e contra-normalizador que seria um denominador comum de uma vasta e diversa produção acadêmica que emergira em meio ao pânico sexual da AIDS, na segunda metade dos anos oitenta, e já se consolidava na década seguinte. Além disso, bem antes de publicar o texto acima citado, foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação Queer Theory para contrastar o empreendimento queer com os estudos gays e lésbicos.³¹

A partir deste período este termo passa a descrever o trabalho de um grupo de intelectuais e sua perspectiva teórica. Assim sendo, a Teoria queer passa a ser vinculada às vertentes do pensamento que problematiza e opera com a desconstrução das noções clássicas de sujeito, de identidade, e de identificação.³²

A Teoria Queer é parte de um conjunto que podemos chamar de teorias subalternas, que fazem uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Os/as teóricos/as queer focam na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista. Enfim, busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações. Interrogando como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas.³³

Por conseguinte, o pós-estruturalismo é uma corrente teórica que busca problematizar as concepções clássicas de sujeito e identidade. Busca igualmente romper

²⁹ LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. V.9 n. 2. Florianópolis: IFCH, 2001.

³⁰ BENETTI, Op. cit.

³¹ MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, URGs, n. 2, 2009, p. 150-182.

³² LOURO, Op. cit.

³³ MISKOLCI, Op. cit.

com a concepção cartesiana e iluminista de sujeito, que separa corpo e mente. O sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e em construção permanente. Ele é criado pelas instituições, pela cultura, pela política; é sempre moldável e não pré-existente.³⁴ Os principais interlocutores do pós-estruturalismo são Michel Foucault, Jacques Derrida, Deleuze, Félix Guatarri.

Os primeiros livros representativos da Teoria Queer são: *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*, de Judith Butler, de 1990, e *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*, de Eve Kosofski Sedgwick. Em *Problemas de Gênero*, por exemplo, além de fazer uma genealogia detalhada sobre a funcionalidade do conceito de Gênero para o feminismo, Butler fala pela primeira vez sobre a performatividade de Gênero, este que veio a ser um dos conceitos centrais da Teoria Queer. Tratarei sobre isso mais adiante.

3.4. Um olhar Queer sobre o medievo: reflexões e diálogos possíveis?

De acordo com alguns comentaristas norte-americanos, estamos embarcando na segunda onda dos estudos queer e parece muito oportuno interrogar e/ou refletir sobre o possível diálogo entre a Idade Média e essa vertente de estudos aqui no Brasil. O que o queer pode dizer ou está dizendo para nós historiadores? E, para nós enquanto medievalistas? O que este movimento subversivo e perturbador pode fazer e/ou faz no campo da História Medieval? Como bem ressaltou a historiadora Guacira Lopes Louro,³⁵ o queer não traz propostas, prescrições, em vez disso, fala-se em desconstruir. Não nos dá soluções, pelo contrário, nos provoca a realizar perguntas, a questionar o que parecia inquestionável.

É possível lançar um olhar Queer na documentação Medieval? Se sim, como? Se não, por quê? Em um artigo sobre as metodologias queer nos estudos medievais, o filósofo Michael O'Rourke da University College Dublin,³⁶ afirma que os dois nem sempre foram felizes companheiros de cama. Tratam-se de duas disciplinas opostas, uma marcada pelo aparente tradicionalismo e a outra caracterizada por discursos

³⁴ Idem, p. 152.

³⁵ Informação fornecida por Guacira Lopes Louro no I Seminário Queer, em São Paulo, em setembro de 2015.

³⁶ Constatar em: O'ROURKE, Michael. Becoming (Queer) Medieval: Queer Methodologies in Medieval Studies: Where are We Now? *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality*, v. 36, n. 01, p. 09-14, setembro 2003. Traduções nossas. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/6>

antinormativizantes. A união de estudos queer e Medieval tem sido tanto produtivo como hostil. Os medievalistas (pelo menos aqueles que estão no campo da História da sexualidade) passaram a abraçar o “estranho” como seu "amigo-inimigo". Alguns deles acreditam que a Teoria Queer com a sua viragem pós-moderna não é a ferramenta ideal para fazer a História do desejo, do Gênero ou da sexualidade nos períodos anteriores a 1870.

Parece-nos que a raiz do problema, é a falta de consenso crítico em torno do termo queer. Nem todo mundo que trabalha sob o signo de queer quer significar a mesma coisa, e o termo tem sido usado de muitas maneiras diferentes: teórica, política e social. Quanto ao não uso da Butler na medievalística, penso que se explica em muito por conta da ênfase na noção de Gênero como um resultado mais da "repetição" da performance do que da identificação de "diferenças sexuais", como coloca a Scott. Entretanto, como pensar isso para o medievo? Como pensar as "diferenças" fisiológicas no campo puramente discursivo? O "feminino" não se construiria, ainda que discursivamente (se aceitarmos esta proposição) a partir de uma condição fisiológica/biológica que é maternidade/procriação em potencial?

Michael O'Rourke afirma que é possível fazer intervenções queer sobre o passado e também escrever “estudos medievais estranhos” ou “esquisitos”. Ele afirma que o trabalho queer não precisa ser subsumido sob as rubricas de Gênero e sexualidade, e pode ser traçado com outras linhas de investigação, tais como estudos de deficiência, estudos pós-coloniais, estudos de classe e etc.³⁷

Ainda, segundo o mesmo autor,³⁸ poucas são as pessoas que têm refletido sobre o corpo de Cristo e a “homodevoção” que tanto inspira homens e mulheres medievais, o que poderia nos levar à excitantes novas direções. Para ele, milhares de textos medievais estão esperando por nossas estranhas interpretações. Precisamos urgentemente de uma História de amor, amizade e intimidade entre homens e entre mulheres na Idade Média. Ao adotar processos não-progressivos e não-finalizantes do tornar-se, podemos criar Histórias estranhas e heterocríticas que levarão a linhas de voo que desafiam as fronteiras do que foi, do que é e do que (provavelmente) será.

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

Também refletindo sobre o “medievalismo queer”, a historiadora Sarah Salih,³⁹ afirma que o estudo da Idade Média ainda tem que negociar com a percepção, mantida por muito poucos/as medievalistas, acabar com a ideia de que o período é inocente, um tempo antes da individualidade, subjetividade, sexualidade, em que a teoria de qualquer tipo é uma rude imposição. Na medida em que a Teoria Queer é uma teoria da cultura e da História, exige ser testada em todos os períodos históricos para que as formações de sexualidade possam ser examinadas em toda a sua especificidade histórica. Em suma, o “medievalismo queer” oferece uma nova percepção do período aos medievalistas e uma maior densidade histórica aos teóricos/as e historiadores/as queer.

³⁹ SALIH, Sarah. A Response: Queer Medievalism: Why and Whither? *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality*, v. 36, n. 01, p. 31, setembro 2003. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/10>

CONCLUSÕES DINÂMICAS

Repetindo o que sempre se tem dito: ainda há muito que ser percorrido nos estudos realizados no campo da História Medieval no Brasil.

Sobre a inserção do Gênero como categoria de análise histórica nos estudos sobre o medieval, o uso ainda recente, restrito e, em alguns casos, carente de rigor teórico-metodológico do Gênero nos trabalhos de Idade Média, é um dos problemas a serem combatidos em nosso país.¹

A partir das análises das dissertações por nós levantadas verificou-se que todas elas estão concentradas na região sudeste do país, especificamente, no Rio de Janeiro. No nordeste brasileiro são escassos e até mesmo ausentes trabalhos, no campo do medievalismo, que utilizam a categoria Gênero como análise histórica. Já os que foram por nós estudados são ancorados no tão utilizado conceito de Gênero da historiadora norte-americana Joan Scott.

Como bem salientou Fernando José Benetti,² a emergência de um saber ou campo de conhecimento não se restringe somente às publicações dos autores, como este trabalho se propôs a fazer. A emergência de um saber está entrelaçada em jogos de poder, em disputas, em ditos e não ditos, que devem ser percebidos pelo pesquisador que se propõe a escrever e analisar a abertura de uma nova porta no conhecimento e na pesquisa, a nível nacional. Historiografar um saber científico não é tarefa fácil e o que se fez aqui foi dar o primeiro passo de vários que podem ser dados para compreender como está se desenvolvendo, no campo do medievalismo brasileiro, os estudos de Gênero. O objetivo deste trabalho é abrir uma nova trincheira, que poderá ser desenvolvida e aprofundada por pesquisadores no futuro. Ele está aberto e passível à desconstrução.

O que fizemos foi apontar um novo caminho para se pensar o medieval. Por que não apostar no queer para tal empreitada? “Abrir-se a novidade, de todo modo, não é sempre uma excelente postura”³ Combinar teóricos/as (ou não) pode perfeitamente abrir

¹ SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirnos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM).

² BENETTI, Fernando José. Historiografando a Abjeção: Uma Arqueografia dos Estudos Queer no Brasil (1990-2000). **Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades** (Online), v. 11, p. 1, 2014.

³ BARROS, Op. Cit., p. 229.

espaço para novas “visões de mundo”. É adequado considerar uma nova utilização de conceitos já existentes para produzir algo novo.

O mais importante é termos sempre em mente que História é um processo de rupturas, permanências, construções e desconstruções, logo, são múltiplos os seus olhares, o que significa que, jamais, teremos uma perspectiva única, melhor ou pior que outras. E como afirma o historiador francês Marc Bloch, a História é busca, portanto, escolha. Ela deve ser ampla, profunda, longa, aberta e comparativa.⁴

“A história é um discurso escrito tão passível de desconstrução quanto qualquer outro”, tendo em vista que esse discurso como construção/desconstrução de posições políticas pode ser usado em função das mais diversas finalidades. Em nossa prática histórica contemporânea, temos a possibilidade de recriarmos outras leituras do passado a partir de novas narrativas, outras construções discursivo-historiográficas, nas quais “tantos grupos e pessoas quanto possível poderão produzir suas próprias histórias, de modo que eles sejam capazes de fazer-se ouvir (produzir efeitos reais) no mundo”.⁵

Como conclusão, cabe lembrar as palavras da filósofa Marcia Tiburi,⁶ que ao comentar sobre a Teoria Queer, afirma que tal vertente de estudos pode ajudar a pensar o lugar de todos aqueles/as que não se encaixam no padrão do homem branco e europeu. Além dos/as transexuais, os/as judeus/ias, os/as negros/as, os/as árabes e até mesmo os/as pobres entram no campo de suas preocupações como corpos que são considerados, pelo “poder”, como desimportantes, vidas que deveriam ser corrigidas ou que não mereceriam serem vividas.

O movimento queer denuncia que são muitas as vidas que não importam. Vidas que muitos consideram que não merecem ser vividas. Seres que são tidos abjetos, a quem até mesmo se nega o estatuto de sujeito. Seres que deslizam, que vivem na ambiguidade ou que vivem a própria ambiguidade.⁷

A Teoria Queer permite pensar a multiplicidade das identidades sexuais, sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder. Esta teoria provoca e perturba as formas clássicas de pensar e conhecer. Antes de querer ter a resposta ou a solução que encerra conflitos, ela quer discutir a lógica que construiu esse regime. Tal teoria é

⁴BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁵JENKINS, Keith. *A História repensada*. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001. p. 102-104.

⁶ Cf. TIBURI, Márcia. Dossiê Judith Butler - Feminismo como Provocação. **Revista Cult**, São Paulo, p. 20 - 23, 01 nov. 2013.

⁷ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

desconcertante e provocativa e, ao mesmo tempo, estranha e fascinante. Mas, sobretudo, ela faz pensar.⁸ Como afirmou Tomaz Tadeu da Silva,⁹ “pensar queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa”. É um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Mas, como pensar em uma História Queer? E no nosso caso, como escrever uma História Medieval Queer? Quais os pressupostos teóricos que iriam basear a construção desta perspectiva? Quais os intuitos e problemáticas a serem abordados e pensados? Como a História pode beber da fonte da Teoria Queer para repensar a si mesma? Onde estão as normatizações na construção do discurso histórico? Onde estão os binarismos e os seres abjetos durante a escrita da História? Como a História, na construção de seu discurso, contribuiu para a emergência de uma lógica de normatização?¹⁰ Que nossa busca em responder estas e outras questões não parem. Por enquanto, ainda estamos cavando trincheiras para uma grande batalha que se anuncia.

⁸ Idem.

⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 107.

¹⁰ São estes os questionamentos que Fernando José Benetti apresenta em seu trabalho de conclusão de curso. E vale destacar que compartilhamos de suas mesmas angústias. Cf: BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. p. 96. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carolina Lima. **A exemplaridade nas representações do feminino no final da Idade Média – o exemplo de *Decamerão* e do *De mulieribus Claris* de Bocaccio (Florença- século XIV)**. Niterói, 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

ALMEIDA, Néri de Barros. A História medieval no Brasil. **Revista Signum**, v.14, n.1, 2013.

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do *Poema de Mio Cid* e da *Vida de Santo Domingo de Silos***. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

AURELL, Jaume. El Nuevo Medievalismo y la interpretación de los textos históricos. **HISPANIA. Revista Española de Historia**, vol. LXVI, n. 224, p. 809-832, septiembre-diciembre 2006. Para este trabalho utilizamos a versão traduzida para o português, publicada pela Revista Roda da fortuna: AURELL, Jaume. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. **Roda da Fortuna**, vol. 04, n. 02. p. 184-208, 2015.

BASTOS, Mário Jorge da Motta; RUST, Leandro Duarte. *Translatio Studii*. A história Medieval no Brasil. **Signum**, 10, p. 163-188, 2009.

BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013)**. Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. **“Sore ich me ofdredeheowolde Horn misrede”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225)**. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. Questões respondidas a Cassiano Celestino de Jesus em entrevista realizada por e-mail, dia 21/04/2017.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

COELHO, Maria Filomena. Breves reflexões acerca da História Medieval no Brasil. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues. (Org.). SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6., 2005, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro: Programa de Estudos Medievais, 2006. p. 31.

FORTES, Carolina Coelho. **Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

_____. É Possível Uma História Medieval de Gênero? Considerações a Respeito da Aplicação do Conceito Gênero em História Medieval. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 07., 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ufsc, 2006. p. 01 - 07.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001. p. 102-104.

LIMA, Marcelo Pereira. Gênero, Poder e Cultura Jurídica: um ensaio historiográfico. Rio Grande, **Biblos**, Rio Grande, n. 21, p. 133-153, 2007.

_____. Duelo de masculinidades: gênero, casamento e adultério clerical no reino de Leão e Castela, século XIII. **Revista Crítica Histórica**. Ano IV, n. 7, p. 155-183, julho 2013.

_____. Fazendo Gênero na Medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. **Veredas da História**, v. 9, n. 2, p. 136-146, dez, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. V.9 n. 2. Florianópolis: IFCH, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. **Cult**. São Paulo, ed. 185, 2014.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

_____. **Educação e Saúde: aprendizados**. São Paulo: SESC, 2015. (Palestra).

LUGARINHO, M. Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. **Revista Gênero**, vol. 1, n. 2, p. 33-40, 2001.

MACEDO, José Rivair. Os Estudos de História Medieval no Brasil: tendências e perspectivas. **Notandum**. São Paulo, Ano XII, n. 21, p. 95, set/dez 2009.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, p. 08-25, 2014.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, URGs, n. 2, 2009, p. 150-182.

_____. Um saber insurgente ao sul do Equador. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 01-25, maio/out, 2014.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v.1, n.1, mai-out 2014, p. 68-91. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acessado em 20 de jul. 2014.

_____. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Queer. v. 2, 2014, p. 26-45.

O'ROURKE, Michael. Becoming (Queer) Medieval: Queer Methodologies in Medieval Studies: Where are We Now? **Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality**, v. 36, n. 01, p. 09-14, setembro 2003. Traduções nossas. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/6>

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, vol.17, no.1, p.159-189, abr. 2009.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Capítulos de História da historiografia sergipana**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SALIH, Sarah. A Response: Queer Medievalism: Why and Whither? **Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality**, v. 36, n. 01, p. 31, setembro 2003. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/10>

SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: _____. **Gender and Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1999. p. 28-50.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. **Cronos: Revista de História**, Pedro Leopoldo, n. 6, p. 194-223, 2002.

_____. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 88-107, 2004.

_____. **Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil**. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, congresso Iberoamericano de Estudos de gênero, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdade: construirmos em la diversidad. Atas... Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM).

_____. Reflexões sobre o gênero e o monacato hispânico medieval. **Opsis**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 141-164 - jul-dez 2010.

_____. A Península Ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n.2, p.81, maio 2012.

_____. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 01, 2013.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves e. “*wîp unde man ze rehte prûeven*”. **A construção do feminino e do masculino em *Parzival* de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”**. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EdUSP, 2001.